



A IDENTIDADE DO SER DIACONAL (JULGAR)

Pe. Reginaldo Lima

O próprio Jesus considera sua missão um serviço

A diaconia da Igreja decorre da sua íntima união à missão do próprio Cristo, que disse de Si mesmo: *"O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida"* (Mc 10, 45). Jesus considera a Sua missão um serviço, a realização da vontade do Pai, do Seu desígnio de salvação. É assim que Se apresenta: como servo que deseja ser reconhecido. *"Estou no meio de vós como aquele que serve"* (Lc 22, 27). A atitude de servo supõe a obediência. Servir é obedecer, isto é, pôr toda a sua vida ao serviço de uma vontade e de um projeto que é do Pai que O enviou. *"É preciso que o mundo saiba que Eu amo o Pai e que ajo como o Pai me ordenou"* (Jo 14, 31).¹

Quem aceita seguir Jesus como discípulo assume a condição de servo, a vocação de servir. *"Dei-vos o exemplo para que vós possais agir como Eu agi em relação a vós"* (Jo 13, 15). A Igreja, comunidade dos discípulos, isto é, daqueles que seguiram o Senhor e por isso prolongam a sua própria missão, só pode servir, encontrar na sua vocação de serviço o caminho da sua fidelidade a Cristo Servo. Maria, a serva do Senhor, que obedeceu radicalmente à Palavra que Deus lhe dirigiu, é, também, o modelo da Igreja obediente e por isso serva.

Evangelização: serviço da Palavra

A primeira concretização, no Novo Testamento, do serviço da Igreja, é o serviço da Palavra. Também aqui o serviço é uma obediência à Palavra do Senhor: *"ide e fazei discípulos em todas as nações"* (Mt 28, 19). A Igreja Apostólica está convicta que o primeiro serviço que pode prestar à sociedade é o anúncio do Evangelho. Paulo considera isso a sua graça própria. Ele é Apóstolo *"em virtude da graça que Deus me concedeu de ser um ministro de Cristo no meio dos pagãos, sacerdote do Evangelho de Deus, para que os pagãos se tornem uma oferta agradável, santificada no Espírito Santo"* (Rm 15, 16).

Esta prioridade ao serviço da evangelização supõe que a Igreja acredita na importância do Evangelho para o bem da humanidade. É o maior serviço que podemos prestar aos homens, nossos irmãos, é ajudá-los a descobrir o sentido da vida; o pão do corpo sem o alimento do espírito é insuficiente para ajudar a descobrir o verdadeiro caminho da vida.

¹ Discurso do Papa Bento XVI, aos Diáconos de Roma, 2008.

A escolha dos sete diáconos para o serviço dos pobres, não relativiza esta expressão do serviço da Igreja. Exprime apenas a consciência de que todo o serviço é expressão da caridade, e que só a Palavra do Evangelho abre o coração para essa perfeição do amor. Os pobres, mesmo quando recebem, devem abrir-se pessoalmente a essa realidade superior do amor fraterno. É por isso que a própria partilha deve ser ocasião e instrumento do anúncio do Evangelho. Ser beneficiário da caridade cristã e não se sentir tocado por essa novidade inaudita que é a comunhão de amor, pode ser sinal de que nos contentamos com a partilha e não demos prioridade ao anúncio do Evangelho. É por isso que os diáconos, cujo ministério se concretiza em primeiro lugar, no serviço dos pobres, são também anunciadores da Palavra.

Partilhar a Fé e o testemunho de fidelidade a Cristo

Na Igreja, o anúncio do Evangelho deve levar à partilha, e a caridade partilhada leva à descoberta e à escuta da Palavra. O próprio Jesus, já no ambiente denso da Sua paixão, quando Maria Madalena Lhe unge os pés com perfume caro e Judas protesta dizendo que aquele perfume era melhor empregado se fosse vendido para dar aos pobres, responde: *"Deixai-a. Foi para o dia da minha sepultura que ela tinha guardado este perfume. Pobres tê-los-eis sempre no meio de vós, mas a Mim não me tereis sempre"* (Jo 12, 7-8). Descobrir Jesus Cristo tem prioridade sobre a ajuda aos pobres. Mas a estes também deve ser anunciado Jesus Cristo, "o Evangelho anunciado aos pobres", e estes revelam mesmo uma capacidade particular para acolher o anúncio de Jesus.

Esta consciência de que a Igreja, antes de partilhar os seus bens, partilha a sua Fé e o seu testemunho de fidelidade a Cristo, é uma exigência que não podemos esquecer, porque em qualquer forma organizativa da sociedade os pobres estarão sempre no meio de nós, hoje na complexidade de novas formas de pobreza, e a partilha de bens a que somos chamados nunca pode esquecer a partilha do bem mais precioso para nós, a nossa Fé em Jesus Cristo. Não devemos ser apenas mais uma forma de solidariedade social. Somos um serviço de Jesus Cristo e é Ele quem nos dá a força para partilharmos com os nossos irmãos. Que no pão repartido vá sempre o testemunho da nossa fidelidade a Cristo, porque só assim esse pão repartido será, para quem o recebe, um pão vivo que comunica a vida.

Servir é apontar esse caminho novo

Têm-se anunciado, talvez com demasiado dramatismo, tempos difíceis para pessoas e famílias que inesperadamente vão fazer a experiência da pobreza. Estaremos, talvez, muitas vezes, na situação do Apóstolo Pedro perante o mendigo que lhe pede dinheiro: *"Não tenho, nem prata, nem ouro, mas o que tenho, posso dar-te: em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e caminha"* (At 3, 6). Talvez não possamos resolver todas as suas necessidades materiais, mas podemos convidar todos a levantar-se e a caminhar conosco nesta descoberta da vida, que pode ser feita em todas as circunstâncias. Como Maria em Caná, perante uma aflição concreta, diz apenas: "Fazei tudo o que Ele vos disser". Mas não nos esqueçamos que Ele também nos diz para partilhar. Só

que para nós partilhar tem de significar o desejo de caminhar com quem partilhamos. Para a Igreja servir é também apontar esse caminho novo.

Origem do Diaconado Ministerial

Surgido nos tempos do Novo Testamento, o diaconato foi instituído para contornar uma dificuldade na estruturação da Igreja Primitiva. De acordo com o livro de Atos, logo após a ressurreição de Jesus, a pregação dos apóstolos levou milhares de pessoas à conversão, trazendo para o seio da comunidade cristã uma série de demandas espirituais e materiais. Os líderes resolveram então, designar "*homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria*" para que cuidassem do sustento da igreja e do cuidado com os pobres, liberando os apóstolos para dedicação exclusiva a oração e ao ensino da Palavra de Deus.²

"Naqueles dias, o número dos discípulos tinha aumentado, e os fiéis de língua grega começaram a queixar-se dos fiéis de língua hebraica. Os de língua grega diziam que suas viúvas eram deixadas de lado no atendimento diário. Então os Doze apóstolos reuniram a multidão dos discípulos e disseram: 'não está certo que nós abandonemos a pregação da palavra de Deus para servirmos às mesas. Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, para que lhe confiemos essa tarefa. Deste modo, nós poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da Palavra'. A proposta agradou a toda a multidão. Escolheram então Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo; e também Filipe, Prócoro, Nicanor, Tímon, Pármenas e Nicolau de Antioquia, um prosélito. Eles foram apresentados aos apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles." (At. 6, 1-6).

Por muitos anos, a tradição teológica fundamentou a origem do ministério diaconal neste trecho da Sagrada Escritura. Os textos do Concílio Vaticano II - *Lumen Gentium*, n. 20 - se utilizam desta passagem para afirmar que os apóstolos tiveram distintos colaboradores no seu ministério.

O trabalho diaconal recebe maior importância quando é encontrada na primeira carta de Paulo a Timóteo, a citação das qualificações exigidas para esses ajudadores da obra de Deus. Ali está dito que: "*Os diáconos, igualmente, devem, ser pessoas decentes, homens de palavra, não viciados no vinho nem afeitos a lucros torpes. Saibam guardar o mistério da fé graça a uma consciência pura. Será preciso, primeiro, examiná-los; depois, caso não haja nada a censurar-lhes, é que assumirão as funções de diácono*" (1Tm 3, 8-10).

A palavra diácono é originado do termo grego *diakonos*, que pode ser encontrada cerca de trinta vezes no Novo Testamento. Em todas elas está sempre ligada à idéia de serviço, geralmente no sentido de atendente ou servente. Além disso, termos

² Compêndio sobre o diaconado permanente, 2009

conexos, como *diaconia* (Ministério) e *diakoneo* (servir ou ministrar), também são citados nas Escrituras.³

Dois grandes diáconos

Mas alguns diáconos como Estevão e Felipe, foram muito além das tarefas estritamente práticas e até hoje são lembrados como heróis da fé.

Estevão, personagem do Novo Testamento, é considerado o “pai” dos diáconos. Ele foi um dos primeiros homens escolhidos pela liderança da Igreja Primitiva para cuidar das necessidades da comunidade, “servir as mesas”, na expressão bíblica. A curta história de Estevão está narrada no livro de Atos. Pouco se sabe de sua vida antes da ordenação ao diaconato, mas o que chama a atenção é que ele era um homem cheio do Espírito Santo, piedoso e conhecedor da Palavra de Deus. Designado ao diaconato junto com outros seis homens – Felipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau – Estevão não tinha limitações no seu serviço. Era também um pregador eloqüente e fazia “prodígios e grandes sinais entre o povo”, conforme o capítulo 6 de Atos.

Foi, justamente, pelo zelo evangelístico que atraiu contra si feroz oposição por parte dos judeus. Uma de suas mensagens sobre o Reino de Deus acendeu a fúria dos ouvintes que confrontados no seu pecado resolveram matá-lo. Em seu martírio, Estevão teve uma visão do céu aberto e Jesus de pé ao lado do Pai. O diácono morreu pedindo que Deus perdoasse os seus algozes, entre os quais estavam Saulo de Tarso, que mais tarde se tornaria o mais célebre dos apóstolos.

Outro diácono, Felipe, também não se limitou as tarefas do dia-dia da igreja. Homem consagrado a Deus, ele foi orientado pelo Espírito Santo a seguir pelo caminho que ligava Jerusalém a Gaza. Na estrada, aproximou-se correndo da caravana de um alto oficial etíope, administrador dos bens de sua rainha. O eunuco lia um trecho do livro do profeta Isaías, sobre Jesus. O etíope o convidou a subir no carro e Felipe usando a palavra do profeta, pregou o Evangelho com tamanha unção que o eunuco creu e quis ser batizado ali mesmo, a beira do caminho. Após batizar o eunuco, foi arrebatado pelo espírito do Senhor, deixando o etíope maravilhado com o poder de Deus.

O Diaconato é sacramento da caridade aos pobres e excluídos no sentido amplo. Assim, o diácono não é ordenado para si mesmo, nem para colocar-se acima dos leigos, nem para desempenhar funções diferentes dos presbíteros e dos bispos, mas pela sua vida e testemunho, incorporado à Igreja por meio de um Sacramento, ele deve revelar uma dimensão especial da diaconia (serviço), do sacerdócio e do mistério de Cristo, ajudando a construir um mundo mais de acordo com o Projeto de Deus.

³ Dicionário teológico, verbete diácono.

O Concílio Vaticano II, no texto da restauração do diaconato, lembra: “Dedicados aos ofícios da caridade e da administração, lembrem-se os diáconos do conselho do bem-aventurado Policarpo: ‘Misericordiosos e diligentes, procedam em harmonia com a verdade do Senhor, que se fez servidor de todos’” (LG 29).

Em relação aos padres, o diácono permanente contribui com sua larga experiência de inserção na vida familiar e profissional e no mundo, podendo ajudá-los, especialmente os mais jovens. “Fortalecidos com a graça sacramental, os diáconos servem ao povo de Deus na diaconia da liturgia, da Palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e o presbitério” (LG 29). Segundo a tradição apostólica, o diácono participa da missão plena do bispo, realizando sua função não apenas em nome do bispo e com sua autoridade, mas em nome de Cristo e com sua autoridade, mediante a consagração do Espírito Santo.

Objetivando as novas mudanças no atual Código de Direito Canônico decretadas pelo Motu Proprio *Omnium in Mentem*, do Papa Bento XVI. A doutrina tradicional da Igreja sempre definiu que os diáconos recebem o sacramento da ordem “não para o sacerdócio, mas para o serviço” (LG29). Por isso, enquanto o bispo e o presbítero, agem “*in persona Christi Capitis*” (na pessoa de Cristo Cabeça) (LG10), o diácono é configurado com Cristo servo dos servos de todos e age, portanto, *in persona Christi Servitoris*.

Pensemos no gesto do lava-pés, com o qual explicitamente se mostra que o Mestre, o Senhor, atua como diácono e quer que todos que o seguem sejam diáconos, que desempenhem este ministério para a humanidade, até o ponto de ajudar também a lavar os pés sujos dos homens confiados a nós. Esta dimensão me parece de grande importância.⁴

Nesta ocasião trago à memória – ainda que talvez não seja imediatamente inerente ao tema – uma pequena experiência que Paulo VI apontou. Cada dia do Concílio Vaticano II se entronizou o Evangelho. Disseram-lhe: não, esta é tarefa dos diáconos, não do Papa. Ele escreveu em seu diário: mas também eu sou diácono, continuo sendo diácono e desejaria também exercer este ministério do diaconato pondo no trono a Palavra de Deus. Portanto, isto nos concerne a todos. Os sacerdotes continuam sendo diáconos e os diáconos explicitam na Igreja e no mundo esta dimensão diaconal de nosso ministério. Esta entronização litúrgica da Palavra de Deus cada dia durante o Concílio era sempre um gesto de grande importância: ela dizia quem era o verdadeiro Senhor daquela assembléia, nos dizia que sobre o trono está a Palavra de Deus e que nós exercemos o ministério para escutar e para interpretar, para oferecer aos demais esta Palavra. É amplamente significativo para tudo o que fazemos: entronizar no mundo a Palavra de Deus, a Palavra viva, Cristo. Que realmente seja Ele quem governe nossa vida pessoal e nossa vida nas paróquias.

⁴ Discurso do Papa Bento XVI aos diáconos de Roma, 2008.

Quais seriam as tarefas próprias dos diáconos? Penso que uma característica do ministério dos diáconos é precisamente a multiplicidade das aplicações do diaconado, não existe um perfil único. Tudo que se deve fazer varia segundo a preparação das pessoas, das situações nas quais se encontram. Pode haver aplicações e concreções muito diferentes, sempre em comunhão com o bispo e com a paróquia, naturalmente. Nas diferentes situações se mostram várias possibilidades, também dependendo da preparação profissional que estes diáconos eventualmente tenham: poderiam estar comprometidos no setor cultural, tão importante hoje, ou poderiam ter uma voz e um lugar significativo no setor educativo.

Certamente, o setor da caridade é fundamental. O Papa Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas Est*, mostra que não só a pregação e a liturgia são essenciais para a Igreja e para o ministério da Igreja, mas que o é igualmente o serviço da *caritas* – em suas múltiplas dimensões – pelos pobres, pelos necessitados. Assim, espero que em todo tempo, em toda diocese, ainda que com situações diferentes, esta continue sendo uma dimensão fundamental e também prioritária para o compromisso dos diáconos, ainda que não a única, como nos mostra também a Igreja primitiva, onde os sete diáconos foram eleitos precisamente para permitir aos apóstolos dedicar-se à oração, à liturgia, à pregação. Também depois Estevão se encontra na situação de ter de pregar aos helênicos, aos judeus de língua grega, e assim se amplia o campo da pregação. Ele está condicionado, digamos, pelas situações culturais, onde tem voz para fazer presente em tal setor a Palavra de Deus e assim faz mais possível a universalidade do testemunho cristão, abrindo as portas a São Paulo, que foi testemunha de sua lapidação e posteriormente, em certo sentido, seu sucessor na universalização da Palavra de Deus.

Pe. Reginaldo Lima
Assessor na CNBB para a Comissão Episcopal Pastoral
para os Ministérios Ordenados e à Vida Consagrada

svm@cnbb.org.br / (61) 2103-8352